
Ser liderança aberta ao aprendizado contínuo

“Seremos capazes de enfrentar os problemas atuais e antecipar desafios futuros, compartilhando e aproveitando o conhecimento e a experiência que acumulamos em nossa história pessoal e comunitária.”

(Ir. Chano Guzmán, Vozes Maristas)

Luciana Winck Corrêa

Educadora, Orientadora,
Vice-Diretora Educacional
Prov. Brasil Sul-Amazônia
Brasil



A liderança servidora pode estar em cada um de nós, se assim nos abrirmos a esta atitude. Diante dos desafios e complexidades de um mundo que não oferta mais caminhos estáveis ou previsíveis, é preciso abrir-se cotidianamente ao desenvolvimento de habilidades que nos permitam aprender em parceria, fazer leitura sensível de contextos e, principalmente, exercitar a empatia com o outro que caminha ao lado.

Sou Luciana Winck Corrêa, nasci em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, região Sul do Brasil. No RS fui Orientadora Educacional e depois Gestora (Vice-Diretora e Diretora Geral) no Colégio Marista Graças, em Viamão, Região Metropolitana de POA. Há dois anos, moro em Brasília, no Distrito Federal, região Central do País, onde atuo como Vice-Diretora Educacional no Colégio Marista João Paulo II, na Asa Norte.

Aprendi, desde cedo, sobre o viver e conviver em grupo, em família, em meio aos meus pais e irmãos, o que, mais adiante, vim a experimentar, também, ao me inserir na família Marista, este foi um dos pontos fortes de minha identificação com a proposta do Instituto.

O caminho da Educação, iniciei-o aos 17 anos, cursando o Magistério e me preparando para a docência. Sempre fui curiosa, intensa em pensamentos e sentimentos, atenta ao aprender e ao conviver. Estar com pessoas me encanta, pela possível parceria de vida e porque podemos ser canal de transformação uns para os outros. Em determinado momento de minha carreira, já formada em Psicologia, pela PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do RS), me senti inquieta em torno do tema da Gestão, especialmente das pessoas que fazem parte de equipes na Educação.

O aprofundamento de conhecimentos nestas áreas veio a partir de especializações e do

outras VOZES
Mentorado em Educação (PUCRS). Algumas destas experiências foram em instituições que oportunizaram ampliar o olhar para além dos construtos na área da Educação. Mas foi, principalmente, pela convivência com as pessoas e com as equipes que me vi percorrendo a desafiadora e encantadora jornada de construção permanente de liderança.

A visão pessoal sobre esta atitude foi sempre a de servir, nunca se colocar acima de qualquer pessoa, pelo contrário. Ainda que perceba a responsabilidade por processos busco viver a atitude de parceria com os outros na vivência da Missão Marista que, logo de início, me encantou e cativou, especialmente pelo aspecto do cuidado e da acolhida.

A partir do coletivo desenvolvemos aprendizagens significativas e fazemos escolhas mais assertivas. Se estas viessem apenas de uma pessoa, uma liderança, provavelmente não promoveriam o engajamento que se vê quando as ações são construídas a várias mãos. Para estar em equipe é preciso sentir-se parte dela, assumindo uma atitude aprendente que nos leva a tornar nos competentes nas ações. Neste sentido, a experiência de ser mentora na caminhada de alguns colegas da gestão foi um exercício de muita riqueza e sensibilidade, que trouxe crescimento para ambas as partes. Estar com o outro e partilhar é uma maneira de enxergar-se através do espelho e, com isto, promover o desenvolvimento de ambos.

Na caminhada da Mentoria, uma experiência mobilizadora foi a de ser mentora de uma jovem aprendiz, que havia trilhado o caminho de estudante em uma escola Social Marista, em Porto Alegre. Foram meses de muito aprendizado e de sentir que Deus nos coloca em espaços de Missão de formas variadas e sutis, suavemente nos mostrando os caminhos possíveis em nosso desenvolvimento como pessoa. Esta experiência aprofundou muito o olhar sobre a necessária relação entre espiritualidade, sensibilidade e fé. Um caminho concreto que leva a enxergar Jesus no outro, em suas escolhas e na forma linda que os jovens têm de nos mostrar visões diferentes e, ao mesmo tempo, sua necessidade de apoio e de sentir-se ao lado de alguém que acredite em suas potencialidades.

Aprender desta forma nos leva a observar outras perspectivas. Tenho ciência que o escopo de certas decisões está nas mãos de grupos de gestores, mas a escuta e o caminhar com as pessoas, que vivem e podem aderir ao resultado destas decisões, nos levam a escolhas mais efetivas e coerentes, que promovem engajamento de fato.

É o que se percebe em Vozes Maristas, no capítulo do Ir. Chano (Formação e Formação Permanente para um Mundo Emergente) quando ele destaca o sentido de comunidade: fazer parte de algo maior que nós mesmos (Vozes Maristas p. 403 apud VILLANUEVA, 2019). O que vivemos está colocado porque somos instrumentos. E como é belo quando se percebe isto com sensibilidade e se vive as experiências com as pessoas.

Aliás, sentir está em um patamar de importância tão grande, ou maior, do que o conhecer. E só se desenvolve a sensibilidade quando temos o apoio da experiência de espiritualidade, tanto na contemplação, quanto no encontro com o outro. O capítulo do Ir Chano nos leva a refletir sobre algo que, em educação, é fundamental: a importância da experiência. Não precisamos e nem devemos armazenar ou reproduzir informações, ou nossa mente corre o risco de ficar subutilizada em sua capacidade de sensibilidade e criação. Antes, podemos nos abrir a viver e criar caminhos, novas ideias, entre tantas possibilidades que podem contribuir com a formação. Na integração dos fluxos de conhecimento 70% se deverá à experiência, como afirma o mesmo texto citado acima. Ou seja, é no dia a dia e na percepção do que está em nossos contextos que podemos nos tornar liderança que integra, que agrega pela sua forma de estar no mundo e não comandar o mundo.





Desde que assumi a responsabilidade como gestora, percebo, na oportunidade de conviver com o outro, a importância do observar com atenção cada situação, escutando as pessoas, valorizando e promovendo que as construções aconteçam, em grande medida, pela construção coletiva. A época da pandemia, com o isolamento social (2020), quando a escola precisou funcionar pelo modo on line, experimentamos um dos tempos mais desafiadores em termos de exercer a liderança em grupo. Ao mesmo tempo, foram estes momentos os que mais nos transformaram em um período tão curto e intenso de mudanças. Como relato desta aprendizagem, lembro que nos reuníamos, como grande equipe, toda sexta-feira, ao final do dia, pela plataforma on line. As pessoas

aderiam por convite, era o momento em que mais apareciam para refletirmos, rezarmos, compartilharmos experiências e, com isto, diminuir o medo e a angústia por aquele tempo de incertezas, longe dos muros da escola. Aprendemos e nos demos forças, juntos e juntas, uns com os outros, na partilha do que estávamos vivendo, mesmo que também buscássemos momentos de formação teórica e especializada. O que mais valia era encontrar-se, ainda que virtualmente.

Ao partir destas experiências percebo o desenvolvimento e a contribuição através de algo que é fundamental em termos de liderança servidora: a promoção da Inteligência Coletiva, vivida pela cooperação e participação a serviço de crescimento, de transformação e de servir ao contexto com amor e compromisso. É aproveitar o que acumulamos na história pessoal e comunitária. Quantas histórias constituem nossas vidas. É possível fechar os olhos e lembrar de cenas, rostos, sorrisos, lágrimas, situações que desenharam a maneira como hoje me percebo em meio as pessoas com as quais convivo e que definem a permanente abertura a aprender e contribuir, como premissa principal.

Nestas memórias me vem à mente outro ponto de grande importância para liderança que serve: a capacidade de adaptar-se às mudanças. Na atualidade tem-se a necessidade de enxergar momentos em que se deve lançar mão à atitude de flexibilidade, abrindo-se à constante adaptação aos contextos, realidades, nas variadas situações que se colocam em nossa jornada como líderes. Como costumamos dizer: em escola não há um dia igual ao outro.

Para comprometer-se, é preciso, individualmente, assumir o que se tem como propósito, pois ninguém pode aprender e desaprender por outrem (Ir. Chano Guzmán, Vozes Maristas, p. 405, apud MARCET, 2019). E, neste sentido, auxiliar os demais é respeitar seus processos, não se pode formatar e nem conduzir de forma inflexível e com visões parciais, pessoais, a outras pessoas. Este é um caminho de empatia em relação aos outros, se desejamos auxiliá-los em sua caminha-



da de liderança, também. É um desafio, pois na ânsia das mudanças velozes e das exigências cotidianas de nossas equipes, famílias e estudantes, nossa tendência natural às vezes é o fazer. Mas, antes de tudo precisamos ser e isto se dá pelo escutar.

No dia a dia da escola, meu propósito é o acompanhamento das lideranças que atuam diretamente com professores, crianças, jovens e suas famílias. As coordenações de área educacional estão sob o escopo desta liderança. Os vejo como colegas, parceiros e parceiras de Missão, com os quais tenho momentos de partilha, de necessária escuta, de estudo e aprendizagem conjunta, e, também, de bom-humor, risadas e vivências culturais, artísticas, esportivas, experienciadas em conjunto (a ampliação do olhar vem, também, das experiências de olhar para fora do que é nosso cotidiano).

Nesta caminhada, realizamos encontros semanais, no caso da escuta individual, ou quinzenais, no caso das construções coletivas. Estes tem sido, também, oportunidades de vivência da espiritualidade, à luz do carisma de Champagnat, que nos mantém conectados com a essência do que é esta jornada, sem esquecer da atualização necessária das ações educativas, em estreita ligação com o cuidar, o acolher e a solidariedade. A busca neste grupo é da vivência do espírito de família, transbordando este valor para as equipes que eles diretamente coordenam.

A experiência como grupo nos leva a exercitar, na prática, o que o Ir Chano nos propõe: atrair e promover talentos – o melhor talento é aquele que vive com a humildade de sempre aprender (Ir. Chano Guzmán, *Vozes Maristas*, p. 404, apud MARCET, 2019). Aprender e desaprender, pois nada é eterno, ainda que valores sejam efêmeros.

Marcelino demonstrou uma poderosa habilidade de auxiliar outros a crescerem e se tornarem líderes, pois ele mesmo não foi eterno em seu papel terreno. Mas ele segue na possibilidade desta cultura de aprendizagem contínua e aproveitamento de talentos diversos, que promove a continuidade deste legado. Relaciono tudo isto à inquietude e ao fogo interno (fogo do Espírito) de querer estar em uma Missão que promova o que cada pessoa tem de mais potente dentro de si. E é por isso que vale a pena ser líder que serve, ser líder Marista, inspirados por Champagnat e certos de que o mundo se transforma na medida em que cada um de nós se modifica internamente, pela formação e pela sensibilidade das oportunidades que Deus coloca em nosso caminho. Sejamos as luzes deste legado de serviço que nosso querido São Marcelino nos convida a ser, nos mais diversos espaços de Missão!



As opiniões expressas neste documento são da responsabilidade do autor e não refletem necessariamente os pontos de vista do Instituto Marista.

Se quiser partilhar com a Comissão as suas ideias, reflexões ou experiências sobre a liderança servidora e profética, como resultado destas reflexões, escreva para fms.cimm@fms.it